



PAOLINELLI, Luísa Antunes. **Piripiri e o caso da estátua desaparecida**. 1. ed. Viseu: Edições Esgotadas, 2018. 101 p.

GALINHAS DETETIVES NUM CASO ESTRANHO: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA FÁBULA POLICIAL

Pedro Panhoca da Silva
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)
(ppanhoca@yahoo.com.br)

Camila Lourenço Panhoca
Centro Universitário Claretiano
(camiladopedro@gmail.com)

O texto *Piripiri e o caso da estátua desaparecida* (2018), de Luísa Maria Soeiro Marinho Antunes Paolinelli (1969), é uma combinação de fábula e romance policial. Essa obra recebeu traduções para francês, italiano e grego, e foi publicada inicialmente pela editora O Liberal, sofrendo alterações para sua versão da Edições Esgotadas em 2015, na Itália, recebeu o prêmio da Fábula no *Festival Internazionale della Fiabadi Campodimele* (EDIÇÕES ESGOTADAS, 2018). Em 2017, na Universidade Aristóteles de Salônica, na Grécia, a tradução grega desse livro foi objeto de uma tese de mestrado (EDIÇÕES ESGOTADAS, 2018). A obra ganhou também adaptação teatral e musical numa escola da Ilha da Madeira, região autônoma de Portugal onde a autora vive e trabalha.

Assinar apenas como Luísa Antunes Paolinelli é uma opção da autora, visto que, na Itália, o sobrenome “Antunes” soa mais exótico aos leitores, enquanto em Portugal é “Paolinelli” que chama a atenção de seu público. Com vasta obra acadêmica e literária, a autora é

docente da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade da Madeira, doutorada em Literatura Comparada e com agregação em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro. Publica na área da Literatura e Cultura e também se dedica à tradução, tendo sido responsável por *La Macchina Lirica – La Poesia* de Herbert Hélder (Edizione del Leone, 2006). Membro do CLEPUL (Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa), coordena o pólo dessa unidade na Universidade da Madeira. É membro do conselho científico de diversas instituições de investigação, como o Centro de Estudos Europeus Sirio Giannini e a Fundação de Estudos Avançados Dino Terra, entre outros (LUÍSA ANTUNES PAOLINELLI, s/d, n.p., grifos nossos).



O livro não contém ilustrações de página inteira, mas possui desenhos em boa parte das páginas, às vezes grandes, outras vezes pequenos, sempre coloridos e dividindo as páginas com o texto. Elas são de autoria de António Pascal – que assina como Pascalqb –, que é

diretor artístico de DEEBOOK *publisher* e ilustrador. Em 1996, entrou para o ensino superior na Escola Superior de Educação do Politécnico de Bragança, onde frequentou o curso de Professores do Ensino Básico do 1º e 2º Ciclos, variante Educação Visual e Tecnológica. Em 2008, ingressou no curso de Mestrado em Ilustração na Escola Artística do Porto (EXPOSIÇÃO – PASCALQB, s/d, n.p.).

Em *Piripiri e o caso da estátua desaparecida* é de se esperar que Piripiri seja logo conhecida por protagonizar a fábula policial em questão. Os títulos dos capítulos também confirmam o protagonismo dessa galinha detetive, como nos capítulos I (*A noite dos estranhos rumores, ou seja, como fiquei com pele de galinha e patas a tremer, e como se constata que, hoje em dia, qualquer um pode escrever poesia*) e II (*Como entre um despertar forçado e invasão de domicílio, a Noz Moscada e a Pimentão me encontram em pijama e me põem a par de um evento verdadeiramente inexplicável*), só para citar alguns, nos quais os verbos e pronomes oblíquos estão na 1ª pessoa do singular. Piripiri é uma galinha detetive que é curiosa, intrépida e corajosa. Trabalham consigo outras duas detetives galináceas bem diferentes entre si: Pimentão, sempre séria e comprometida com o trabalho, praticamente uma cientista da área de atuação, e Noz Moscada, uma galinha fútil e materialista, mais preocupada com roupas e acessórios do que com qualquer outra coisa. Elas logo são apresentadas ao leitor para que ele melhor se ambiente na história

A história se passa na Cidade Sem Nome, governada pela gata Gat´lta. Um dia, Piripiri escuta um barulho em sua casa e vai verificar o que é. O som vem de um boneco de dar corda que traz uma misteriosa mensagem-poema, o início da investigação que está por vir. A gata Gat´lta anuncia que a pequena estátua do Ratinho Queijo da Serra – o fundador da cidade – foi roubada. Ao que tudo indica, o bilhete que o brinquedo trouxe para Piripiri em sua casa está relacionado ao furto. A governadora convoca Piripiri para resolver o caso, visto que a cadela Chocolate – a chefe de polícia – é generosa demais para um caso como esse. Piripiri se junta com Pimentão e Noz Moscada para investigar a cena do crime, e encontram as galinhas Estragão e Cravinho da Índia, ambas pertencentes a uma equipe de investigação rival. A partir daí, começa uma “corrida” para conhecer qual equipe resolve primeiro o caso, e os diversos animais da cidade são interrogados enquanto pistas são recolhidas e novas mensagens-poema aparecem.

Os nomes das personagens secundárias, assim como das protagonistas, são repletos de humor, como os do diretor de escola Pombo Abecedário, Mocho A, Mocho



E, Mocho I, Mocho O, Coruja U, o pintinho Chupeta, o Belo Tucano – um jornalista apaixonado pela Piripiri –, a condessa Dona Cabra do Lameiro da Relva de Cima e Terras Verdes de Baixo, A galinha Anis Estrelado – uma amiga da Noz Moscada e tão fútil quanto esta –, o Dr. Pavão-Que-Quer-Ser-Alguém, o mordomo Sr. Tartarugo, a dona Pavoia-Sem-Beleza-Que-Se-Note, o Galo Malagueta e seus sobrinhos Tico, Teco, Tuca e Piru-Piru, e outros. Os nomes das personagens trabalham com estereótipos (a cachorra é dócil, o pavão é vaidoso, a galinha que é fútil se interessa por moda, a galinha que é *workaholic* nunca pensa em se divertir). Há também uma divisão bem definida das equipes das galinhas, notada quando suas equipes se encontram.

O recurso do humor encontra-se presente em diversas situações, como em trocadilhos com *gadgets* contemporâneos, a exemplo do uso que as galinhas fazem do “Ai-pata” – referente ao *IPad* –, mas principalmente no contraste entre as brilhantes deduções de Piripiri e Pimentão e a superficialidade de Noz Moscada:

- Muito estranho... – murmurei.
- Muito estranho – repetiu a *Pimentão*.
- Muito estranho! – ecoou a *Noz Moscada*.
- Seguiu-se um momento de silêncio, interrompido pela voz da *Noz Moscada*:
- O que é que exatamente achamos muito estranho?
- Com uma sobrancelha no ar, ficou à espera da resposta, enquanto nós olhávamos espantadas para ela.
- *Nozinha!* Mas que parva. Nunca percebes nada – resmungou a *Pimentão*.
- Eu percebo tudo. Eu sou inteligente. De uma maneira diferente.
- Pois é o diferente que me assusta (PAOLINELLI, 2018, p. 16, grifos da autora¹).

Existem também reflexões sobre questões filosóficas. O excerto supracitado, por exemplo, traz com humor uma breve deliberação do que é, de fato, ser inteligente. Noz Moscada argumenta a ponto de convencer suas companheiras de investigação: “– Então, não sou ninguém, não é? Pois, quando têm de escolher sapatos para um vestido, a *quem* recorrem? A mim, *Nozinha*. Também é necessário ter inteligência para isso. E leituras de muitas revistas e livros e dedicação e reflexão” (PAOLINELLI, 2018, p. 17, grifos do autor).

A obra em questão é rica em intertextualidades, que variam desde a inserção de personalidades lusófonas à de outras comunidades. Quando as galinhas deliberam sobre a estátua, uma menção aos famosos personagens de romances policiais como Sherlock Holmes e Hercule Poirot, criações de Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) e Agatha Christie (1890-1976), respectivamente, podem ser encontradas no título do capítulo XXIX, *Chega a hora das verdadeiras galinhas detetives ou como fazemos*

¹ Na obra original, os grifos não aparecem em itálico, mas em letras coloridas e desenhadas, principalmente para destacar os nomes das personagens – cada um com sua cor – e palavras ou expressões em destaque, também de colorações variantes.



inveja a Sherlock Holmes e a Hercule Poirot, grandes mestres da decifração de crimes e mistérios. Outra referência, essa remetendo ao poeta Fernando Pessoa (1888-1935) pode ser reconhecida, além de uma crítica cultural à sociedade dos humanos:

– A estátua é leve, porque é feita de espuma expansível, um novo material que deve ser trabalhado enquanto não fica sólido. Com a mania de imitar os humanos, que espalham estátuas dos poetas à escala real pelas cidades, nas ruas, nos cafés – como aquela do grande Pessoa, reconhecido até no nosso mundo – ou nas livrarias, o escultor fez a estátua do *Ratinho Fundador* tal qual ele era, minúsculo (PAOLINELLI, 2018, p. 24, grifo da autora).

Há também, no livro, intertextualidades culturais, como a menção à dança do malhão. Durante o baile de noivado da D. Pavoia e do Dr. Pavão, por exemplo,

A *Noz Moscada* resolveu experimentar a dança e mexia-se muito, mas como se estivesse a bailar o malhão, aquela dança cheia de energia que as pessoas do Minho, em Portugal, praticam sem se cansar (PAOLINELLI, 2018, p. 77, grifos da autora).

Esse estilo de dança, conforme afirma Castelo-Branco,

[...] ao contrário do Vira [outra dança típica portuguesa], está localizado na região do Baixo Minho, podendo ser também encontrado noutras regiões, como o Douro, a Beira Alta e a Beira Litoral. O Malhão é uma dança de pares caracterizada por formações circulares, com uma métrica musical binária ou quaternária, apresentando complexidade em suas variantes (*apud* RIBEIRO, 2016, p. 97-98, comentários nossos).

Apesar de ser uma obra escrita em Portugal por uma escritora nativa que usa a variante do português europeu, há a variante brasileira da língua portuguesa no texto em questão, presenciada nas falas do Belo Tucano, um tucano que vive cortejando Piripiri, que o evita. “– Gátchiiiiinha. Amor da minha *viiida*. O meu coração *bátchibum-bum-bum* cada vêiz que vejo você em ação. Fico todo samba e você tão linda, a esnoabar di mim” (PAOLINELLI, 2018, p. 30, grifos do autor). A variante brasileira do português é transcrita na forma mais próxima de como um brasileiro falaria, possivelmente com sotaque paulista ou carioca, e relacionar essa variante linguística ao tucano, cuja origem remete, justamente, às Américas Central e do Sul, é outra boa escolha que a autora fez. O caso do estereótipo do brasileiro cortejador, sedutor, informal pode ser notado na figura do tucano, mas isso não chega a reforçar o embate da relação entre colonizador e colonizado, visto que o tucano também se mostra útil à sua amada Piripiri para a resolução do enigma principal da história narrada.



Misturar o romance policial com a fábula não se mostrou uma escolha aleatória, visto que fábulas sempre estão em voga ainda nas opções de leitura de hoje, pois, segundo Martelozo:

[...] podem ser vistas como um excelente exercício de reflexão sobre o comportamento humano e as vicissitudes da vida. [...] Além de serem narrativas breves e de fácil assimilação, elas possibilitam uma análise crítica em relação ao homem, seus valores, defeitos, vícios e atitudes. Sendo de natureza simbólica, suas personagens são geralmente animais e apresentam características comparadas às dos seres humanos (2014, p. 2).

Ainda sobre a escolha de unir romance policial e fábula em uma obra híbrida, gêneros literários antes classificados como *underground* têm crescido no gosto dos leitores, sendo o romance policial um exemplo disso. No Brasil, este gênero está presente desde o século XIX em textos da literatura canônica, sendo Machado de Assis (1839-1908), Lima Barreto (1881-1922), João do Rio (1881-1921) e Olavo Bilac (1865-1918) alguns exemplos, até seguidos pelas obras de Rubem Fonseca (1925-2020) e outros autores mais contemporâneos (COSTA, 2012).

A fábula, por exemplo, é uma constante em questões de vestibular. Para o vestibular de 2022, por exemplo, a obra *A revolução dos bichos* (ORWELL, 2021) – se pudermos considerá-la como uma “fábula distópica” – será cobrada como leitura obrigatória por, pelo menos, dois processos seletivos no Brasil (WASKO, 2021), além de ser presença recorrente em questões de múltipla escolha e dissertativas. Este gênero, segundo Santos e França,

A leitura de fábulas na sala de aula possibilita ao estudante expressar-se e discutir aspectos socioculturais. Essa tipologia textual não só promove a reflexão, mas também serve de exemplo para o ensino ético-moral. A fábula é vista, há muitos anos, como instrumento educacional, não só porque se trata de um texto crítico, mas também por exercer um papel fundamental para o desenvolvimento do leitor-criança. Promover um estudo desse em sala de aula dará ao professor subsídios para proporcionar aos seus alunos o contato com a arte de narrar. Ao trabalhar com este gênero, a fábula, o mediador vislumbra o desenvolvimento das percepções do autor no contato com a narrativa, já que ela implícita ou explicitamente, apresenta uma argumentatividade.

O romance policial, por vezes, não é trabalhado em sala de aula, seja por desconhecimento de como utilizá-lo por parte do mediador, seja pelo fato de, no Brasil, não ser um dos gêneros considerados *bestsellers* ao público geral. Mesmo assim, há potencialidades desse gênero ainda *underground* no país a serem exploradas, como um estudo de caso envolvendo romance policial e diário de leitura em salas de aula, concluído com resultados positivos por Uyanik (2018).



Assim, apontar os resultados resume-se em afirmar que a experiência da aplicação dessa ação pedagógica de fomento ao letramento literário, utilizando-se do romance policial e do diário de leitura, intercalados, claro, com práticas de motivação, foi exitosa.

Com isso, *Piripiri e o caso da estátua desaparecida*, apesar de escrito em Portugal, se mostra um texto tão acessível ao leitor brasileiro quanto ao lusófono. Além disso, é capaz de agradar leitores jovens e adultos, bem como demonstra ter potencial de ser aplicado em sala de aula por mediadores que queiram trabalhar os gêneros textuais fábula, romance policial ou ambos de forma híbrida, visto que o texto de Paolinelli mostra-se uma criativa mistura dos dois primeiros.

Referências

COSTA, Flávio Moreira. **Existe uma literatura policial brasileira?** 2012. Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Especial-Capa-Existe-uma-literatura-policial-brasileira>>. Acesso em: 15 out. 2021.

EDIÇÕES ESGOTADAS. Quarta capa. In: PAOLINELLI, Luisa Antunes. **Piripiri e o caso da estátua desaparecida**. 1. ed. Viseu: Edições Esgotadas, 2018.
EXPOSIÇÃO – PASCALQB. Disponível em: <<https://teatro.cm-funchal.pt/evento/pascalqb/>>. Acesso em: 12 out. 2021.

LUÍSA ANTUNES PAOLINELLI. Disponível em: <<https://www.edicoesesgotadas.com/autores/luisa-paolinelli/>>. Acesso em: 12 out. 2021.

MARTELOZO, Márcia Favaretto. O gênero textual fábulas contemporâneas de Millôr Fernandes no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica**, 2014. Curitiba: SEED/PR, v.2, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_port_pdp_marcia_favaretto.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Jandira: Principis, 2021.

PAOLINELLI, Luisa Antunes. **Piripiri e o caso da estátua desaparecida**. 1. ed. Viseu: Edições Esgotadas, 2018.



RIBEIRO, Tânia Cristina Costa. **É uma dança portuguesa, com certeza?** um estudo sobre formas de pertencimentos, processos de criação e influências da Dança Portuguesa do Maranhão. 2016. 240 f. Tese (Doutorado em Arte) – Universidade de Brasília (UNB), Instituto de Arte, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23147/1/2016_T%c3%a2niaCristinaCostaRibeiro.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

SANTOS, Elma Jane das Virgens Silva; FRANÇA, Flávio. Leitura de fábulas em sala de aula. **Graduando**, Feira de Santana, v. 3, n. 4, p. 13-23, an./jun., 2012. Disponível em: <<http://www2.uefs.br/dla/graduando/n4/n4.13-23.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

UYANIK, Maria dos Milagres Zeferino. **O romance policial e o diário de leitura em sala de aula:** letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes. 2018. 18 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ensino Superior do Seridó, Departamento de Letras, 2018.

WASKO, Júlia. **Quais são as obras obrigatórias dos vestibulares 2022?** Disponível em: <<https://blog.estrategiavestibulares.com.br/vestibulares/obras-obrigatorias-vestibulares-2022/>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

Recebido em: 24/10/2021
Aprovado em: 23/11/2021